



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANTONIO AUGUSTO TADDHEU BANDEIRA

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-205

Entrevistado: Antonio Augusto Taddheu Bandeira

Local da entrevista: Escritório do Entrevistado – Centro de Porto Alegre

Entrevistadoras: Letícia Baldasso Moraes e Tuany Defaveri Begossi

Data da entrevista: 28/03/2011

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Conferência Fidelidade:

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Total de gravação: 74 minutos e 14 segundos

Páginas Digitadas: 22

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BANDEIRA, Antonio Augusto Taddheu. *Antonio Bandeira (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Início do envolvimento com o esporte: Tribunal da Federação Gaúcha (basquete, vôlei, futsal); formação acadêmica; trabalho desenvolvido na junta trabalhista; trabalho junto ao Tribunal de Justiça Esportiva; atuação com sua esposa; clubes que defendeu; participação das mulheres; dificuldades e problemas enfrentados em sua atuação: cumprimento e interpretações de leis; Direito Esportivo; juízes; influência da mídia; valorização da Educação Física; opinião sobre o trabalho desenvolvido pelo CEME de preservação da memória.

Porto Alegre, 28 de março de 2011. Entrevista com Antonio Augusto Taddheu Bandeira, a cargo das pesquisadoras Letícia Baldasso Moraes e Tuany Defaveri Begossi, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.M. – Eu vi que tu fazes parte da Federação Gaúcha de Basquetebol como sócio honorário. Eu gostaria de saber então, como começou a tua inserção no esporte, teu interesse?

A.B. – Eu nunca fiz esporte. Vocês falaram em Educação Física. Há três anos estou fazendo ginástica. Inclusive hoje de manhã eu fiz, mas eu nunca tinha feito ginástica antes. Nunca joguei esporte. Naquela época, “os caras”, se vissem um guri jogando futebol, diziam: “Meu filho, vai estudar, senão não vai ser nada na vida”. Hoje, tem que dizer ao contrário, se o “cara” for bom: “Vamos jogar futebol” que aí sim vai ser “alguma coisa” [risos]. Mas, o que eu queria dizer para vocês é o seguinte: eu sou de uma época que em Porto Alegre a gente assistia jogos de basquete. Eu ia a jogos de basquete. Ocorriam no União¹.

L.M. – Isso em que época, mais ou menos?

A.B. – Ah, muito tempo! Coloca “anos” [risos]. Comecei a conhecer o pessoal do basquete e, um belo dia, fui convidado para ir ao Tribunal da Federação Gaúcha de Basquete. Reuniam-se no Mercado, lá em cima. Ali era a sede da Federação. Aí o seu Bandeira foi para lá e virei presidente do Tribunal. Tinha a Federação Gaúcha de Vôlei ao lado e fui para o Tribunal da Federação Gaúcha de Vôlei e também fui presidente do Tribunal durante anos. Outra coisa que eu gostava também: eu ia a tudo que era prova de esporte. Fui presidente do Tribunal da Federação Gaúcha de Futebol de Salão. Como é que era: existia um Tribunal só, porque hoje a Federação Gaúcha de Futebol tem um Tribunal de Justiça, que é uma instância superior e as Comissões Disciplinares. Naquela época, não tinha isso, só tinha um Tribunal. Não me recordo quantas pessoas. Hoje somos bem menos, nove ou onze, não tenho certeza. Mas, naquela época, era bem mais. Convidaram-me para suplente.

¹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

L.M. – Tu entraste como suplente.

A.B. – E como eu ia sempre, em todas as sessões e sempre faltava gente, eu sempre “funcionava”. Bom, o tempo foi passando, até que eu como advogado - eu sou advogado trabalhista, lógico, quando eu me formei eu sonhava em ser advogado criminalista. Só que não tinha ninguém fazendo crime, naquela época era muito difícil. Bom, para vocês terem uma ideia, eu me formei em 1957.

[INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]²

A.B. – E, a faculdade era diferente, tudo era diferente. E, voltando nessa época, para vocês se situarem na época, era muito difícil de trabalhar.

L.M. – Com certeza. Tu te formaste com quantos anos?

A.B. – Vinte e dois. Então, era muito difícil de advogar. E, eu vivia da advocacia. Para vocês terem uma ideia - parece ridículo dizer isto para vocês - quando eu me casei com vinte e sete anos, eu levei dois anos para comprar um frigideira. Porque ninguém dava. Hoje, se você casa, tu recebes tudo de presente. Eu estudei direito e filosofia. Fiz UFRGS³, fiz tudo, porque era questão de orgulho, não era por não pagar. A minha educação o meu pai sempre pagou, mas também vamos nos situar naquela outra época. Vocês vão ler nessas minhas crônicas, eu falo do meu pai. Tu tinhas que trabalhar. Quando eu comecei a trabalhar, nunca mais ganhei dinheiro do meu pai. Eu comecei a trabalhar no quarto ano de direito. A partir daí, nunca mais ganhei dinheiro do meu pai. Então, eu tinha que trabalhar. Meu ideal era ser advogado criminalista. Minha mãe era carioca e meu pai era um cara viajado, conhecia o Maranhão. A Marinha tinha aqueles navios escolas, Saldanha da Gama, que existe ainda, e os guardas da Marinha faziam uma viagem em volta do mundo. Então, era um sonho do meu pai que eu fizesse. Estudei dois anos. Naquela época, não tinha nem Colégio Naval. Tinha pavor de mar. Eu já queria ser advogado e minha mãe dizia que não dava dinheiro. Bom, para a minha sorte, possivelmente, eu não seria

² Nesse momento toca a campanha.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

aprovado no exame. Era muito difícil. Faziam um exame físico antes, exame médico e para ser da Escola Naval, um Fuzileiro Naval na Marinha, tinha que ter visão perfeita. E eu já tinha umas dores de cabeça muito grandes. Eu tinha astigmatismo.

L.M. – E tu descobriste quando fizeste o teste?

A.B. – Exato. Aí fui reprovado. Voltei para Porto Alegre - estudava no Colégio Anchieta -. Tu imaginas a mentalidade do Rio de Janeiro e a mentalidade Porto Alegre. Em primeiro lugar, em Porto Alegre a gente conhecia todo mundo do colégio. No Rio não. Era só as pessoas que moravam pertinho. Em segundo lugar, eu me lembro, quando voltei para o terceiro ano do colégio, que era misto, não tinha frequência. Um dia tu ias à aula. Aqui no Anchieta, se tu faltasses a aula, teu pai teria que assinar, tua mãe teria que assinar. Eu me recordo de quando eu voltei para o terceiro ano científico, eu estava com uma camisa de esporte amarela e “os caras” me olhavam. Homens não usavam camisa amarela naquela época em Porto Alegre. Tinha que quase brigar, porque o “cara” estava debochando de mim por estar de camisa amarela. Para vocês de situarem na época. Bom, então situados nessa época. O primeiro jogo de futebol que eu vi foi no Força Luz⁴. Fui com o meu pai ao jogo. Nunca me esqueço, era Internacional⁵ e Vasco⁶. Tinha um jogador na época, o Lelé⁷. Vocês nunca ouviram falar. Eu estava atrás da goleira. Eu me lembro de uma hora que um “cara” chutou a bola, no primeiro tempo [trecho inaudível] eu desmaiei [risos]. Futebol de respeito. Hoje, a mulher torcedora diz mais palavrão que o homem. Então, te situa na época. Bom, então eu comecei a ir frequentemente. E comecei pelo basquete e depois futebol, como eu gostava de futebol, e eu era sempre suplente. Aí um belo dia - hoje está proibido - criaram que os jogadores poderiam optar entre reclamar seus direitos trabalhistas dos clubes na Justiça do Trabalho ou na Justiça Esportiva. Então, tinha o vice-presidente do Tribunal que presidia o que se chamava de junta trabalhista. De repente, seu Bandeira virou suplente, virei membro e virei vice-presidente do Tribunal. Eu presidia essa junta. Na verdade o seguinte: todo mundo queria fazer lá. Hoje, se tu perder uma questão tu podes

⁴ Provavelmente referindo-se ao Grêmio Esportivo Força e Luz, fundado em 08 de setembro de 1921, em Porto Alegre.

⁵ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

⁶ Club de Regatas Vasco da Gama, fundado em 21 de Agosto de 1898, no Rio de Janeiro

⁷ Nome sujeito à confirmação.

recorrer, vai recorrendo. Para vocês terem ideia, o processo trabalhista hoje está levando de doze a quinze anos. Naquela época, quando eu comecei, era rápido.

L.M. – Quanto tempo demorava mais ou menos?

A.B. – O processo que levava seis meses era muita coisa. Tinha três juntas aqui. Então, eu comecei a gostar da justiça do trabalho, era divertido e era rápido. Bom, então fui para o lado trabalhista. Eu fui advogado da Companhia de Cimento Brasileira, que hoje é a Votorantin, JH Santos, comecei a pegar muitas companhias e depois entrei na Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações, a CRT, onde trabalhei 35 anos.

T.B. – Aonde isso?

A.B. – Hoje seria a Oi⁸. Na época era estatal, mas eu era empregado. Eu fui chefe do jurídico de lá mais de vinte anos. E nessa altura veio o negócio do esporte. O Sr. Bandeira ia aos jogos de noite, ia a jogos de basquete, vôlei, futebol. Eu gostava de assistir. De repente eu viro vice-presidente. Além dos jogos esportivos, eu tinha atração trabalhista que eu sempre gostei. E por que [palavra inaudível], porque se tu fosses condenado e não pagasse na Justiça do Trabalho, eles penhoravam. Mas até penhorar... Vou tentar penhorar o que? O Estádio de futebol. Começa recursos, vai para lá, para cá, dura anos. Da minha sentença, eu te condenava a pagar para ela R\$300,00. Não tinha... Poderia fazer um recurso [palavra inaudível], mas também, na parte esportiva, não se levava nem três meses e, se tu não pagasse, o que te acontecia? Não podiam penhorar, mas tu eras proibido de disputar campeonato. Então, tu podes imaginar um clube de futebol correndo o risco. Começou a chover reclamatória trabalhista até que a Lei acabou. Não temos mais isso. Mas, aí eu já era vice-presidente. Virei presidente do Tribunal. Hoje, continuo no Tribunal de Justiça Esportiva. Para vocês terem uma ideia, sou o juiz mais antigo.

L.M. – Há quanto tempo tu estas lá dentro?

⁸ Empresa de telefonia.

A.B. – Mais de 30 anos. Hoje eu represento a OAB⁹, porque o Tribunal hoje tem uma construção diferente. Estou no segundo mandato da OAB.

L.M. – E como é que funciona esse seu mandato pela OAB? Lá dentro muda muita coisa?

A.B. – Algumas coisas mudam. Hoje tem essas condições especiais que seriam a primeira instância, vamos dizer assim. O juiz coloca na súmula... Aliás, o grande problema do futebol hoje, chama-se súmula de juiz. Temos que orientar o juiz a fazer a súmula.

L.M. – E como é que vocês orientam o juiz a fazer?

A.B. – Agora eu não sei como estão fazendo, mas, na época que eu fui presidente, nós fazíamos reuniões com o juiz. Eu não, mas mandava o jogador falar, que ele deveria escrever o que aconteceu. Por exemplo, - como eu estava dizendo para vocês - tu colocas na tua súmula: “ele agrediu o outro”. Aí eu pergunto: “Como”? A agressão pode ser verbal, ou pode ser um soco, pode ser um tapa. Tu não tens que escrever o que tu viu, escrevendo exatamente. Se o cara chegou e chamou ele de uma determinada forma, escreve o que tu ouviu. Nós temos diversas juízas hoje e também, por exemplo, tem advogados que dizem assim: “‘Filha da Puta’ não é uma palavra ofensiva”. Eu digo: “Não, mas depende da intenção”. Eu posso chegar e falar para um amigo meu: “Meus parabéns, tu és um baita ‘filho da puta’. Tu tiraste primeiro lugar. O ‘filho da puta’ está sendo dito com a intenção de elogiar. Agora, se eu olho para ti com raiva e te chamo de ‘filho da puta’, aí é ofensa. Então, um jogar não vai virar-se para outro ou para o juiz e dizer para ele ‘filho da puta’, calmo, com o intuito de elogiar. Não! Aí ele é condenado. Outra coisa que eu acho fundamental, para mim pelo menos: eu sempre sou mais severo com o treinador e com os dirigentes, porque o dirigente e o treinador são quem tem que dar o exemplo. O jogador, até se compreende que ele está no calor da emoção, tu dá um “cutucão” e leva outro, mas dirigente não. E, olha, é triste, porque tem dirigente que provoca. Porque, se um dirigente ou se o treinador começa a falar mal do juiz, o jogador que está no campo, sente-se na obrigação até para mandar o teu dirigente fazer isso. Então, precisamos sempre criar outra mentalidade no esporte. Esse ano, no campeonato Gaúcho, [trecho inaudível] , deve ter dado caso, condições especiais, e para nós agora, eu só vejo, é custo. Se a comissão

⁹ Ordem dos Advogados do Brasil.

especial suspendeu por 1x1, dois jogos, e não recorreu, o problema não é nosso. Mas, o normal é ter pautas bastante grandes. Eu estou achando muito calmo, porque até hoje, o Campeonato Gaúcho já está, vamos dizer, no segundo turno, - agora são turnos -, e não aconteceu nada, nenhum julgamento nosso.

L.M. – Tu te lembras de algum julgamento, assim, que marcou?

A.B. – Teve um julgamento: Internacional e Juventude¹⁰. O Juventude ganhou o Campeonato. Eu sou colorado, mas todos nós que atuamos lá no tribunal, cada um de nós, tem um clube, é obvio, e nós trabalhamos de graça, não ganhamos nada. Ganhamos cafezinho [risos]. Mas, para vocês terem uma ideia, antes das sessões, já estamos tocando flauta um no outro. Eu era muito amigo do Paulo Rogério Amoretti, falecido. Foi Presidente do Internacional, era um excelente advogado. E o recurso era dele. O Presidente da Federação... Aliás, a figura mais importante que eu conheci em matéria de esporte chama-se Emídio Perondi. Também era colorado. Hoje, o Presidente é o Noveletto¹¹, um cara de Santa Catarina. Minha esposa foi juíza também.

M.B.¹² – Houve uma época que nós atuávamos juntos.

A.B. – No futebol de salão.

M.B. – Futebol de salão, futebol sete, basquete, tudo isso aí.

L.M. – Uma mulher.

M.B. – É, na época não tinha mulher atuando.

T.B. – Podíamos marcar uma entrevista [risos].

M.B. – É, faz muito tempo isso. Porque ele atuava, me convidava e eu ia. Basquete, inclusive. Não sei se tu lembras, era ali no mercado público.

¹⁰ Esporte Clube Juventude, fundado em 29 de junho de 1913.

¹¹ Francisco Noveletto Neto.

A.B. – Eu disse a elas.

M.B. – Tinha uma sala ali. Era ali a sede do Tribunal do Basquete. Porque na época o pessoal até jogava bastante basquete aqui em Porto Alegre.

A.B. – A gente assistia.

M.B. – Agora não sei.

L.M. – É que agora é futebol.

M.B. – Aqui não é forte basquete, acho que o basquete...

L.M. – Mas a SOGIPA¹³ é bem forte aqui também no Basquete.

M.B. – Mas, e está disputando? Mas, sabe qual era na época...

A.B. – Mas havia jogos assim. E a torcida...

L.M. – Que época? Tu sabes mais ou menos em décadas, não?

M.B. – Não, décadas [risos]. Deixa eu retroagir, mas era 1980, 1980 e poucos, por aí. Nessa época, eu me lembro que o clube Petrópole¹⁴ é que tinha a equipe de basquete mais forte.

A.B. – Tinha um jogador, - pior é que jogava no Grêmio¹⁵ - [risos] Cleomar Lima¹⁶. Vocês vão conhecer, senão ele, a filha dele, Fernanda Lima¹⁷.

¹² Marta Bandeira, esposa do entrevistado.

¹³ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

¹⁴ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

¹⁵ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

¹⁶ Cleomar Antonio Pereira Lima.

¹⁷ Modelo e apresentadora.

L.M. – O Cleomar vai ser um dos nossos próximos entrevistados.

M.B. – Ele jogava Basquete.

L.M. – Nós o entrevistamos a respeito disso.

M.B. – Mas, o Cleomar não ia lá quando a gente julgava. O Cleomar é anterior, deve ser da tua idade ou coisa parecida.

A.B. – Não. Eu sou mais velho.

M.B. – Não, não, não. Mas, se tu és mais velho é pouca coisa. Olha, não é aquela turma que a gente julgava lá. O futebol de salão era forte lá.

A.B. – O futebol de salão era aqui na Marechal Floriano, que tinha a sede aqui.

M.B. – No futebol de salão o Grêmio e o Internacional jogavam e tinha uma rivalidade muito grande quando eles se apresentavam ali.

A.B. – Eu sempre atuei como juiz, exceção de uma vez. Teve uma vez que eu não estava no Tribunal, [trecho inaudível] em um espaço de dois anos e o Paulo Rogério, - estou contando esse fato agora -, era Presidente do Internacional e me convidou para ser advogado do Internacional. Fui e defendi o Internacional no futebol de salão. E me recordo que foi a única vez que saiu no jornal.

M.B. – É, e foi quando [palavra inaudível] porque havia uma pressão. Tinha muita pressão em cima de juiz. O juiz não pode estar muito próximo...

A.B. – Para vocês entenderem então: Internacional e Juventude, relator: Sr. Bandeira. Advogado: Paulo Rogério, meu amigo. Todo mundo se dava. Bom, voto do Presidente da Federação, eu te falei que é uma pessoa que eu respeito muito e o Perondi era um cara gozado... Então, eu era o relator, examinei e o Internacional não tinha razão. Votei contra o Internacional. Meu voto foi vencedor. E eu colorado doente, mas juiz do Tribunal. O

Emídio Perondi era uma figura muito gozada. Tu chegava na Federação, entravas na sala dele, ninguém te vetava. Tu entravas, tu ias caminhando e entrava lá. Eles estavam sempre conversando. Me dou muito bem com o Perondi até hoje. Ele nunca pediu nada, nem para mim e tu imagina uma Federação em que ele era eleito por unanimidade. Todo mundo sabia que ele era colorado. O Presidente do Clube dos 13¹⁸ - conheci em uma convenção -, o Paulo¹⁹ era Gremista. E agora, não romperam com os três? O Grêmio não rompeu? Então, uma coisa era o torcedor, outra coisa era tu exercendo uma função.

L.M. – Tem que ser imparcial.

A.B. – E, como tu não ganha nada. Então hoje, o Tribunal é constituído por dois representantes da Federação, dois dos clubes, dois da OAB, tem representantes dos juízes... Pode ser que eu esteja esquecendo alguém. Tu não podes repetir mais de dois mandatos, cada mandato de três anos.

L.M. – E com que fundos funcionam...

A.B. – Eu estou exercendo o segundo mandato, indicado pela ordem dos advogados. Quando acabar o meu mandato, se eu voltar, não pode ser pela OAB.

L.M. – E aí, como é que tu vais fazer?

A.B. – Eu nunca me preocupei, sempre gostei. Mas é que a gente conhece todo mundo. Tu acabas conhecendo todo mundo. Hoje em dia há mulheres também nas comissões especiais. A Terezinha Ligarai²⁰ é de uma Comissão especial. Tem diversas mulheres atuando no esporte também. A Terezinha Ligarai foi juíza do Tribunal de Contas, aposentada.

L.M. – Quer dizer então, que tem bastante participação de mulheres nisso?

A.B. – Sim. Hoje em dia, a participação das mulheres no esporte é bastante grande.

¹⁸ União dos Grandes Clubes Brasileiros (conhecida popularmente como Clube dos 13).

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

L.M. – Conforme o passar do tempo, o que tu achas que foi mudando no esporte? Por que tu te inseriste no esporte há bastante tempo já.

A.B. – O mesmo problema também acontece no Direito. Eu sempre defendo a seguinte tese: se eu estou julgando, eu não posso inventar lei. Então, a Federação Desportiva vai mudando. De repente, há penalidades muito severas para um fato banal. Não vou dar nomes, mas eu briguei muitas vezes com colegas meus. O cara está enquadrado perfeitamente em um artigo, mas na pena do artigo começava com suspensão de três jogos ou cento e vinte dias. Daí o cara: “Vamos classificar por outro para dar uma pena menor”. Porque, realmente, a pena para aquilo era muito alta, mas não fui eu quem fez a lei. Eu tenho que aplicar a lei. Então, não cabe a mim inventar. Então, o grande problema, que também vale para o nosso código penal brasileiro... Eles dizem assim: “Mas que absurdo! Aquele cara pintou o sete e de repente está solto”. É porque o juiz também tem que aplicar a lei. A lei está errada e está errada por que? Sei lá. Olha, vocês não estiveram dentro de uma penitenciária, e essas ruas eu conheço. Eu lembro que naquela época ali no Gasômetro tinha dois lugares, um para cá que era o lugar de quem tinha feito alguma coisa... Tinha o lugar dos protegidos e outro lugar que tu podias ser morto lá dentro. Imagina um bando de homens trancados, sem fazer nada o dia inteiro. Tu só vais te aperfeiçoar. Se tu és um delinquente primário, tu vai te aperfeiçoar, tu vais aprender outras coisas. Então, realmente, o problema lá, eu via que era na legislação. Teria que haver um cuidado bem maior na legislação. Esse é o grande problema. Está tudo agora mudando na legislação. Às vezes, as penalidades são muito grandes. Porque, a gente pensa em futebol, pensa no Internacional, pensa em Grêmio, penso em clubes grandes, mas tem clubes do interior que não tem recurso. De repente, tu estás aplicando uma multa violenta para um clube desses.

L.M. – Que o clube nem tem condições de pagar.

A.B. – Exatamente. Só que, lamentavelmente, eu não fiz a lei. Eu aplico a lei, mas vocês estão falando dos cuidados que deveria se ter com a [palavra inaudível] Minha opinião é essa. Mas, o Perondi, que eu estava te falando então, que eu saiba, nem para mim nem para ninguém, nunca pediu para favorecer ou influenciar no julgamento de qualquer um. Nunca

²⁰ Nome sujeito à confirmação.

fez isso. Hoje, ele largou lá para ficar como vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol e agora, não sei o que ele está fazendo.

L.M. – E se vocês não ganham nada para trabalhar lá, com o que se sustenta? De onde sai o dinheiro para continuar funcionando?

A.B. – Tem gente que gosta. Nós estamos lá porque gostamos de futebol.

L.M. – Sim, com certeza.

A.B. – Porque gostamos de julgar, mas não pensa que o pessoal briga para ficar lá. Não se ganha nada...

L.M. – Sim, mas é que tem que ter uma estrutura, o cafezinho...

A.B. – Não, estrutura é da Federação. Nós não ganhamos nada. Tem uma sala aberta, nós temos cadeiras, tem arquibancadas para assistir os julgamentos...

L.M. – É aberto os julgamentos?

A.B. – O julgamento é aberto e torcedores vão lá.

L.M. – E os torcedores incomodam, às vezes?

A.B. – Nunca tive problemas.

L.M. – Que bom, porque torcedor, às vezes, consegue se exaltar.

A.B. – É, mas geralmente o pessoal não aparece. O que aparece mais é dirigente. Então, eu me lembro, Osvaldo [sobrenome inaudível]²¹, era técnico, e quando ele foi a julgamento fez questão de ir sozinho. Não precisa ser advogado para se defender. Tu mesmo pode se defender, tu é atleta. Ele era técnico e foi lá e: “Quero dizer para vocês o seguinte: eu fiz

mesmo e tal e tal”. Muito bem, só que levou o [palavra inaudível], ainda mais que ele confessou [risos]. Ele foi lá e a defesa dele foi: “Eu fiz isso”. “Muito bem! Admiro o senhor pela sua dignidade em admitir isso. A pena é tanto”. Lógico.

L.M. - Ele foi lá só por descarga de consciência.

A.B. – É. Já existia Direito Esportivo na faculdade de direito, e agora tem uma novidade, que tem que fazer prova de conclusão de curso. Vocês também?

L.M. – Sim.

A.B. – Não existia isso. E eu já estive em duas bancas de alunos convidado pelo Padilha²², fazendo tese de final de curso sobre Direito Esportivo, na faculdade de direito.

L.M. – É um campo que se tu acredita então...

A.B. – Vamos fazer um mérito para o Padilha, porque ele defende muito essa tese. Mérito para o Padilha. Estou esperando o primeiro julgamento. Já teve outros juízes lá, o Décio Neuhaus.

L.M. – Nós também vamos entrevistá-lo.

A.B. – Tomem cuidado com o Décio, porque ele é o representante, do presidente do Sindicato dos Atletas.

L.M. – Ele defende essas coisas...

A.B. – Quer dizer, agora não. Quando ele está no Tribunal, não pode defender agora. Mas, ele sempre foi defensor do Sindicato dos Atletas. Ele está sempre preocupado com a situação dos atletas. E eu estou preocupado com o Ronaldo “Fenômeno”²³ [risos]. Eu nunca me esqueço, uma vez, eu abro o jornal, e o Ronaldo “Fenômeno” estava comprando

²¹ Luiz Roberto Padilha.

²² Nome sujeito à confirmação.

uma mansão em São Paulo que custava três milhões de reais, uma garagem para dezoito carros, para ele e para os amigos dele. O Ronaldinho Gaúcho²⁴ está no Rio agora, em Copacabana, dois milhões e oitocentos mil por mês. Então, quando tu pensa em jogador de futebol...

L.M. – Tu só pensa nos grandes.

A.B. – Eu tenho uma afilhada que o namorado dela estuda no IPA²⁵ e gosta de futebol. Já treinou em diversos clubes. Chegou aos vinte anos e não apareceu, porque o grande problema hoje do futebol chama-se empresário de futebol. Esses empresários estão em todo os lugares, no interior. Eles estão olhando lá, e veem aquele guri que se sobressai, falam com o pai do guri, tem alguma condição. A grande praga também do futebol chama-se empresário. Por isso é que os presos ficam de tal jeito. E o Internacional e o Grêmio que são os clubes que pagam os jogadores em dia. Agora, vocês fazem ideia, fora a publicidade, o cara ganhar dois milhões e oitocentos por mês?

L.M. – É muita coisa.

A.B. – Eu não tenho ideia. Isso ganha o Ronaldinho Gaúcho. E, na minha opinião, o jogador quando volta para cá não está bom...

L.M. – Com certeza não. Porque está voltando para cá por algum motivo.

A.B. – Vocês da Educação Física sabem disso. O cara volta e aqui não joga nada.

L.M. – Volta desgastado.

A.B. – Aquele jogador o Nilmar²⁶, vai vencer o contrato dele e não joga nunca. Vive lesionado. Vocês que trabalham com a Educação Física sabem...

²³ Ronaldo Luís Nazário de Lima.

²⁴ Ronaldo de Assis Moreira.

²⁵ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul.

²⁶ Nilmar Honorato da Silva.

L.M. – Com certeza. Volta até sem ritmo de jogo, na realidade.

A.B. – Sem ritmo de jogo.

L.M. – Tu achas que a mídia influencia também nos esportes de massa? É uma grande influenciadora?

A.B. – Muito influenciadora. A mídia influencia em tudo. Mas eu acho importante a liberdade de imprensa. Sempre defendi. Às vezes eu leio coisa que eu também não gosto. Ela pode valorizar um jogador, pode arrebentar um jogador. O próprio cara que faz a mídia, que escreve, ele sabe que também está sendo julgado pelos leitores, e, se ele começar a escrever muita besteira e começar a ser desprezado pelos leitores, está sujeito a perder o emprego. Então, eu sustendo sempre o seguinte: deve existir o máximo de liberdade de imprensa e essa preocupação dos homens de até que ponto eles podem influenciar, se eles escreverem bobagens, também irão ser julgados por isso.

L.M. – Tu tens mais alguma coisa para nos falar, algum fato, que tu acha que seja...

A.B. – Eu acho importante, ainda mais vocês que são estudantes de Educação Física, é valorizar o esporte. Esporte, independente de ser profissional ou não. Eu lastimo não ter feito ginástica, por exemplo. Eu faço ginástica há três anos. Ainda hoje fiz.

L.M. – Tu fazes musculação?

A.B. – Musculação, bicicleta, esteira, e eu me sinto bem. Eu descobri que é gostoso fazer.

L.M. – É uma forma de lazer na realidade.

A.B. – Uma forma de lazer. E fico impressionado, que hoje também as mulheres estão [palavra inaudível] para isso. Eu tive uma professora... Só que são mal pagas, porque o que os donos de academia pagam é pouco.

L.M. – Não, mas isso todo mundo sabe [risos].

A.B. – Eu tive uma delas, a Bianca²⁷, que fazia uma espécie de luta, uma espécie de vale tudo. Ela deve ter uns vinte e três ou vinte e quatro anos de idade. Tirou quarto lugar no mundial lá no [palavra inaudível], e ela tinha participado de um outro mundial no Japão.

L.M. – E ela é professora de academia?

A.B. – Professora de diversas academias, porque todos os dias trabalha e assina carteira profissional.

L.M. – Com certeza.

A.B. – Por que... Agora tem uma academia ali na minha rua, Amélia Teles, Petrópolis. É uma academia nova. Eu converso com o dono, que também é advogado. Mas o que esses caras têm de equipamentos novos. Agora eu estou fazendo esteira, porque tem aquele apoio. Na outra academia que eu fazia, na Padre Chagas, não tinha aquele apoio aqui. Então, eu corria o risco de cair.

L.M. – Aí também vai da estrutura da academia.

A.B. – E é bom fazer. Eu faço essas coisas com medida. Mas, mesmo assim, eu sinto falta. Passei a gostar de Educação Física. Agora, só que eu acho que a Educação Física precisava ser mais valorizada também. Me desculpa a franqueza. Eles estão pagando vocês muito mal.

L.M. – Claro. Todo o esforço que a gente faz não condiz com o que a gente ganha.

A.B. – Porque uma coisa é fazer uma hora. Outra coisa é tu passar o dia todo, trabalhar de manhã, de tarde e de noite. Se tu mora em vila e precisa daquele dinheiro. Então, olha gente, eu acho que deveria ser mais valorizado. Bom, outra novidade que na minha época não tinha, é que hoje em dia os treinadores de futebol têm equipes e tem preparador de

²⁷ Nome sujeito à confirmação.

goleiros, preparador físico, tem auxiliar disso, massagista, todos, uma equipe. Sai de um clube e vai para outra levando a equipe.

L.M. – Eles levam a equipe junto? Não sabia.

A.B. – Na maioria das vezes levam. Agora parece que tem exigência. Antigamente não exigiam, porque eu acho que se tu queres ser treinador de futebol, preparador físico, treinador de goleiros, tem que ser formado em Educação Física. Acho que a Educação Física ainda está começando como os antigos... Vou dar um exemplo: o maior advogado criminalista do Rio Grande do Sul - eu não peguei, isso eu assisti aqueles júris, quando era ali na prefeitura, vocês nem tinham nascido, aquilo varava a noite e a gente entrava lá e ficava toda a madrugada assistindo aquilo, eram debates lindos - chama-se Voltaire Pires²⁸, que era rábula, ou seja, não era formado em Direito. Naquela época não existia e depois a OAB passou para esses antigos, a dar uma licença para funcionar. Os outros tem que ser advogados. Acho, que a mesma coisa, esse tipo de licença, eles deveriam fazer também.

L.M. – Mas, já tentaram fazer. Tanto que teve certas polêmicas, até porque o Bernardinho²⁹ não era formado em Educação Física e ele era técnico.

A.B. – Mas, está cheio disso e aí vem aquela pergunta: “E aí, vamos pegar o cara?” e o cara tem que sobreviver. Vai fazer o que?

L.M. – Mas, é verdade.

A.B. – Então, tu vai para uma academia dessas, dá aula de manhã, porque geralmente o dono é um cara mais velho e esse cara fica sentado, quem vai acompanhar o cara, bota o pesinho aqui, quem faz isso é o novo. Para ganhar o que? Para ganhar R\$ 200,00 ou R\$ 300,00 por mês para trabalhar de manhã? Vai precisar trabalhar de tarde. Dependendo das condições econômicas ainda, tem que trabalhar de noite. Então, está difícil a vida para professores de Educação Física.

²⁸ Nome sujeito à confirmação.

²⁹ Bernardo Rocha de Rezende, atual técnico da seleção masculina de vôlei.

L.M. – Com certeza.

A.B. – Retorno a dizer, só há um jeito de valorizar: começar a exigir que só façam determinadas atividades quem é formado nessa área. O pessoal não dá conta. Eu acho uma necessidade o exame da OAB, por exemplo. Quando eu me formei em Direito, eu lembro que aqui no Rio Grande do Sul havia nós, a UFRGS, a PUC³⁰ e Pelotas³¹. Acabou. Hoje, a coisa mais fácil do mundo é fazer uma faculdade de Direito e basta pegar todas as cidades do interior: tem juiz, tem promotor, tem advogado. Outro dia fiquei sabendo que tem faculdade de Direito até no IPA, e por isso é que eles fazem essas [palavra inaudível]. Agora mudou muito. Na minha época, nós não tínhamos frequência. Nós nos habituávamos com vinte e um ou vinte e dois anos a usar casaco e gravata, sabe por quê? Tinha um professor de Direito Romano chamado Lupídeo Paes³². Nunca me esqueço. E um colega meu, o Salamão³³, estava calor e o cara tirou o casaco e o professor interrompeu a aula: “Professor, por que parou?”, “estou esperando o seu colega pôr o casaco para eu continuar”. É a mentalidade da época. Bom, e aí tu se habituava a usar casaco. Na engenharia, na medicina, ninguém usava. No direito sempre teve. De repente tu precisavas ir na delegacia de polícia e, se tu não chegasses dando uma impressão, bem arrumado, ninguém dava bola. Tanto que eu usava casaco, gravata, por necessidade profissional. Então, tudo tem que se situar dentro de suas épocas. Hoje, o Tribunal não tem exigência nenhuma. Eu posso ir lá julgar de camisa esporte [trecho inaudível]. Agora, é difícil para os antigos mudar, porque a gente se habituou a usar casaco e gravata no Tribunal.

L.M. – Tu tens algum nome de pessoas que tu achas que a gente deveria entrevistar?

A.B. – Emídio Perondi, ex-presidente da Federação Gaúcha de Futebol.

T.B. – Bom, então, uma última questão para finalizar a nossa entrevista: eu queria saber, o que tu achas dessa entrevista como meio de preservação de memória?

³⁰ Pontifícia Universidade Católica.

³¹ Provavelmente referindo-se a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

³² Nome sujeito à confirmação.

³³ Nome sujeito à confirmação.

A.B. – Em primeiro lugar, acho que é válido para vocês estudantes de Educação Física. Eu acho que vocês precisam ser as primeiras a valorizarem o esporte, tem que chamar a atenção para o esporte, que não é só... O esporte para os dias de hoje está muito assim: o Ronaldo “barrigudo” “Fenômeno”, o Ronaldinho Gaúcho que toma cachaça [palavra inaudível] o Assis³⁴, o Adriano “Imperador”³⁵. Tentar ajudar, porque o Brasil quer desenvolver o esporte, o Brasil vai ser a sede de Olimpíada. Vocês têm ideia dos aeroportos? Os aeroportos brasileiros são pequenos, sem falar nas pistas. Então, o grande problema hoje, além dos estádios de futebol, que tem que ser adaptados, obviamente, também são os aeroportos. E quando o Brasil foi escolhido, eu estava trabalhando. Mas, tem um lado positivo, vão ter que fazer coisas.

L.M. – Vão ter que melhorar a cidade, o trânsito até...

A.B. – Então, eu acho importante esse trabalho que vocês estão fazendo por isso: vocês estão dando um foco, chamando a atenção em um foco. Eu leio jornal, vocês lêem jornal também: as emergências estão uma vergonha, não tem lugar, os caras estão do lado de fora. Então, duas coisas fundamentais: educação e saúde. Todo mundo deveria ter acesso a educação. Se tu queres estudar ou não, o problema é teu, mas tu deverias ter acesso, deveria ter essa oportunidade. E a tua saúde deveria ser garantida. Então, também essa experiência de vida, vale para a gente pensar sobre isso. Temos que valorizar mais a educação. Temos que valorizar mais a saúde. Então, eu acho que a vida para alguns é uma luta e para outros é fácil. Mas tu tens que aprender a lutar pelas coisas que tu queres. Isso vale para vocês. Briguem por aquilo que vocês querem, porque quando não é fácil, a gente tem que brigar. Brigar no bom sentido. Não dá para prejudicar os outros, tem que lutar por ti. O primeiro que tem que gostar de ti é tu mesmo. E a gente tem que sempre procurar melhorar, tem que ter consciência dos teus defeitos, dos teus erros, não ter vergonha de pedir desculpas quando tu errares. Isso é fundamental. E o esporte, futebol... Nós não chamamos juízes, porque juiz é privativo hoje, está no estatuto. Então, nós somos auditores do Tribunal. Eu não vou a futebol há horas.

L.M. – Não vais? Tu não gostas?

³⁴ Assis Moreira, irmão e empresário de Ronaldinho Gaúcho.

³⁵ Adriano Leite Ribeiro.

A.B. – Gosto... Mas se tu vais de carro - eu mesmo dirijo - tu tens que parar o carro. Tem o estacionamento, o aglomerado...

L.M. – Mais fácil ver de casa, na televisão.

A.B. – Tem duas coisas que eu não dispenso: livro e cinema. Olha, a Educação Física ajuda a pessoa. Eu nunca fiz ginástica. Eu tinha problema no coração. Caminhava um pouquinho e tinha que colocar [palavra inaudível]. Esse hábito eu tenho até hoje. Não sinto mais. Mas, às vezes, estou caminhando na rua e paro. Passo vexame. Outro dia tinha uma guria da idade de vocês que disse: “O senhor está passando mal?”, “não estou passando mal coisa nenhuma”, é que eu me habituava a parar.. Como dizia o meu médico: “Quando o senhor estiver em uma subida, o senhor finge que está olhando para uma vitrine, porque o senhor precisa parar” [risos]. Bom, e aí fiz a cirurgia do coração. Tenho também uma safena aqui do lado. Eu fiquei mais abestalhado do que eu ficava normalmente. Eu moro em uma coberturinha e tenho uma daquelas casinhas que eu posso subir, e não podia subir. Ficava sentado em uma cadeira. Aí comecei a fazer fisioterapia. Saía com o cara, de vez em quando... Até que um belo dia eu resolvi subir sozinho e ele não me tocou, não me ajudou. Comecei a dar voltas em torno da minha quadra. Mas tem uma descida, toda hora para tu ires de carro lá é difícil. Para mim, muitas vezes, era vantagem se eu fosse a pé. Na volta tinha uma subida. Aí, de repente, estava descendo, caminhando, dando uma volta ali perto da Nilo Peçanha - isso é porque sempre gostei de caminhar – e, quando vi, comecei a fazer ginástica e vou para o terceiro ano fazendo ginástica.

L.M. – E se sente bem melhor.

A.B. – Me ajuda a tomar um “whiskyzinho” [risos]. Mas, não vou tomar whisky as oito horas da manhã. Agora, fazer ginástica as oito ou nove horas da manhã é bom. E vocês têm que desenvolver isso, já que vocês estão fazendo a memória do esporte. O esporte está ligado a quê? Educação Física.

L.M. – Com certeza.

A.B. – E a grande praga hoje é o empresário. [palavra inaudível] são de famílias pobres, pegam a procuração do pai, começam a ganhar dinheiro e esses contratos não são visíveis. Tu não sabes quanto o cara está ganhando realmente, não sabes o percentual que o cara está levando, o empresário ou o dirigente do clube.

L.M. – Tudo é camuflado, na realidade.

A.B. – Outra coisa, o governo não pode fazer auditoria em federações porque são entidades particulares, não são entidades públicas.

L.M. – Não sabia disso.

A.B. – As federações são entidades particulares, confederações, uma reunião de federações, são entidades privadas. Como é que tu vais fazer? Como é que tu vais fiscalizar? Tem a prestação de contas internamente, mas não tem uma fiscalização do governo. Não pode chegar no Internacional e fazer uma vistoria lá. Tu não podes chegar lá - tu Governo, Tribunal de Contas - porque aquilo lá é tudo particular, é uma entidade particular. Quando entrevistarem o Perondi, perguntem para ele.

L.M. – Perguntaremos.

A.B. – Agora, a federação tem funcionários, tem despesas também. Vocês sabiam que juiz de partida de futebol tem que ter outra profissão porque não pode ser só juiz? O juiz, esse que apita, tem que ter outra profissão, nem que seja só para constar, por onde ser pago, para não ser corrompido. Teoricamente seria essa a ideia.

L.M. – No fundo faz sentido, mas...

A.B. – É, mas é aquela história: Eu sou formado em Educação Física, eu sou administrador de empresas. Aí tu teria que fazer uma outra coisa, teria que ter uma fiscalização para ver se tu estavas trabalhando, qual é o horário que tu trabalhavas. Eu tenho um episódio: o cara era influente, era aposentado, pago pela federação. Ele apontou que ele era do interior [trecho inaudível] ia ter jogo e o time [palavra inaudível]. Então, o que eles faziam:

deixavam o juiz chegar e faziam batimentos de carros, alguma coisa para impedir que os clubes chegassem na hora, para dar W.O. Isso, ele contou para nós. Outra coisa que eles faziam: ele era promotor público da localidade... Ia visitar o juiz no hotel de noite, um homem influente e tal: “Sou o promotor daqui e por acaso sou presidente do clube que irá jogar amanhã. Agora, espero que o senhor atue bem, porque eu não gosto de ver problema e a população daqui é muito revoltada, costuma agredir, mas tem eu e um policial na cidade. Nós vamos fazer força para lhe proteger”. Era isso. Ele nos contava com a maior naturalidade. Isso eu ouvi, não sei se é verdade. Mas, essas histórias tu começa a ouvir no futebol também. Como tudo na vida, tem um lado que bom outro lado que é ruim.

L.M. – Tudo tem um ônus e bônus [risos].

L.M. – Acho que a gente encerra por aqui então. Muito obrigada pela colaboração.

A.B. – E, sucesso para vocês.

[FINAL DO DEPOIMENTO]